



À semelhança de Dora, do filme Central do Brasil, José sobreviveu escrevendo cartas para os pioneiros que sentiam saudades de casa no tempo da construção de Brasília



# O homem que mandava lembranças

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Esta é a emocionante história de um escrevedor de cartas. De um homem que, em mal traçadas linhas, sem imaginar, tornou-se parte da própria história de Brasília. E ele veio de longe, primeiro num caminhão carregado de jumentos, depois num pau-de-arara, que levou longos 13 dias para chegar à futura capital. Dentro do pau-de-arara, um rapaz magricela embarcou no sonho de vencer na terra de JK. Aos 22 anos, com o ginásio completo — única coisa de valor que possuía —, José Lineu de Freitas deixou o Ceará para se aventurar num lugar que ainda nem existia. Tudo seria uma aventura.

Mas mesmo assim ele veio. Sem dinheiro, pediu carona a um velho ranzinza que vinha para essas bandas. João Bidu tinha uma missão: trazer, dentro de seu capenga pau-de-arara, peões para trabalhar nas fazendas de Goiás. O velho aceitou dar carona àquele rapaz magricela, mas lhe fez uma proposta: ele ficaria responsável pelo controle do pagamento dos passageiros, assim que todos chegassem ao destino. Trato feito.

O rapaz aceitou o acordo. Era início de janeiro de 1960. O velho João Bidu, antes de o pau-de-arara partir carregando 70 passageiros, lembrou: "Tu vai tomar conta de todo o pessoal. Quando chegar no Goiás, fica de olho nos fazendeiros pra ver se eles vão pagar as passagens dos peões...". José Lineu sabia que a viagem seria longa; a missão, delicada. Mas mesmo assim veio.

Na mala de couro surrado, um paletó, um sapato, uma calça de tergal e três camisas. Era tudo o que tinha. E a viagem começou. Foram 13 dias de estrada de terra batida. E paradas ao entardecer, para dormir em redes armadas nos galhos das árvores. No dia seguinte, recomaçava a aventura. E o pau-de-arara seguia levantando poeira. Finalmente, a chegada ao interior de Goiás. Lá, desembarcaram os peões. Hora do acerto de conta com seus patrões. E a entrega do dinheiro ao velho João Bidu. "E não é que no fim da viagem ele ainda quis me cobrar a passagem? O velho não era fácil!", lembra José Lineu, às gargalhadas, 48 anos depois.

Missão cumprida. Dois dias depois de deixar os lavradores em terra goiana, o rapaz magricela

Cristiano Mariz/Especial para o CB



JOSÉ REPETIU MOMENTOS DO PASSADO AO SENTAR PARA ESCREVER NA FRENTE DE UMA CASA DE MADEIRA DO NÚCLEO BANDEIRANTE

do Ceará chegou ao Distrito Federal. Era para isso que tinha vindo. Queria ver de perto a cidade da qual tanto ouvira falar pelo rádio. De cara, parou no Núcleo Bandeirante, onde tudo começava. "Era gente demais. Terra vermelha por todos os lados", ele conta. Na 2ª Avenida, procurou abrigo na Pousada do Salim, árabe que não dispensava dinheiro. Para pagar o mês adiantado, José Lineu desfez-se do único terno que trouxera na mala de couro. Vendeu-o ao primeiro interessado.

## Como um doutor

Fevereiro se iniciava. Chovia muito. O frio era intenso. Faltavam dois meses para Brasília virar a nova capital. O rapaz, desempregado e afilto, não sabia como pagar a mensalidade da pensão. O tempo corria. Salim não mais o aceitaria na pousada. Numa manhã, José Lineu foi aos Correios, um barraco de tábuas construído na Avenida Principal. Mandaria uma carta para a mãe, em Fortaleza. Contaria as novas da cidade que se erguia. Sobre os planos de ficar na terra de JK e da saudade que sentia dela e dos quatro irmãos. O pai morrera quando José era ainda menino, em Pacajus, interior do Ceará.

De longe, avistou uma fila enorme. Eram operários tentando mandar dinheiro para as famílias pelos Correios, já que

banco não havia. Ao chegar mais perto deles e ouvir suas histórias, percebeu que muitos gostariam de mandar também uma carta. Aí estava o impasse. Não sabiam ler, tampouco escrever. Os dois funcionários dos Correios não tinham tempo para escrever cartas. Foi quando José Lineu teve a grande idéia de sua vida. "Pensei: 'Por que não escrever? Ainda posso ganhar um dinheirinho.'"

O rapaz que terminara apenas o ginásio no Ceará tornara-se doutor diante daquela gente humilde. Não pensou duas vezes: arrumou uma mesinha emprestada, um tamborete e, perto dos Correios, montou sua banquinha debaixo de uma árvore. Para identificar a banca, escreveu, num pedaço de papel, em letras garrafais: Elaboram-se cartas. No mesmo dia, o lugar encheu. Virou comentário entre os operários do Núcleo Bandeirante. A fila dobrava. Era o dia inteiro.

"No final da tarde, minha mão estava doendo. Escrevia mais de 30 cartas", recorda-se. O pagamento (cerca de R\$ 0,20 na moeda de hoje) era feito na hora. Mas havia também quem não tivesse para lhe pagar. "Escrevia assim mesmo", diz. Escreveu também em troca de um prato de comida. "Tinha dia que não tinha o que comer. As cartas me salvaram."

Ele não tinha descanso nem aos sábados e domingos. "Era quando dava mais gente", conta. A primeira carta que escreveu foi para um conterrâneo. O operário Francisco, lá de

Baturité, mandava notícias para a mãe. E ditou as mal traçadas linhas para o escrevedor: "Mãe, aqui é terra de gente que gosta de trabalhar. Faz muito frio, mas estou gostando muito. A única coisa que me mata é a saudade de vocês. Lembranças a meu pai, pra senhora, aos meus irmãos, à tia Maria, ao tio Zé, a dona Lurdinha, seu Zezinho..."

Havia cartas em que o remetente perguntava até pelo bode da família e pelas galinhas do terreiro. "Na hora da despedida, na parte das lembranças, eles mandavam abraços pra todo mundo. Ocupava mais espaço do que a própria carta", ele diz. E quando a resposta chegava? Ávidos, corriam ao encontro do escrevedor. "Era comovente ver a reação deles ao ouvir o que eu lia. Algumas cartas vinham com muitos retratos. O choro era ali mesmo", lembra, com olhar perdido.

## Uma terra boa

E assim se passaram dois meses. Durante 60 dias, José Lineu ouviu segredos e os escreveu. Eram desaforos de uma gente — a grande maioria nordestina — que havia deixado tudo para trás em busca de um sonho. Uma delas o emocionou muito. Era a carta de uma cozinheira de restaurante, moça de pouco mais de 20 anos. Enfrentou a fila e, ao chegar a vez dela, estava em lágrimas. Assim mesmo, começou a ditar as linhas: "Saf daí sem falar

com o senhor, meu pai, nem com a senhora, minha mãe. Tive medo que vocês não me deixassem partir. Vim para ganhar a vida, arrumar um bom emprego. Ser alguém na vida. Daqui a um tempo, quero voltar e buscar todos vocês. Tudo vai mudar. Eu prometo..."

De escrevedor de cartas José Lineu arrumou emprego na Guarda Especial de Brasília (GEB). Virou uma espécie de agente social (encaminhava as pessoas aos empregos), depois, "soldado investigador". Estudou no Elefante Branco, onde terminou o clássico. Em 1962, mudou-se para a Vila Planalto, lugar onde mora até hoje. Ali, em 1961, conheceu a primeira mulher, Izaura, piauiense que trabalhava como ajudante de restaurante. Com ela, teve os seus cinco primeiros filhos. Nunca deixou de estudar. Passou no vestibular de direito da Universidade de Brasília (UnB). Formou-se em 1970.

Virou escrivão de polícia, depois delegado. Ficou viúvo. Casou-se pela segunda vez. Nasceram mais três filhos. Trabalhou em várias delegacias do DF. Aposentou-se em 1982. Hoje, aos 70 anos, advoga. Ao lembrar-se do passado, reconhece: "Passei fome, muito frio, queis desistir e voltar pro Ceará. Cheguei a voltar, em 1962, mas retornei no mesmo ano. Lutei e venci na terra de Juscelino", constata o homem, vestido num terno bem cortado, a bordo do seu carro elegante.

E sobre as cartas? "Me sinto feliz por ter ajudado tanta gente. E ter contribuído para a fixação de Brasília. Dei o que sabia para quem nada sabia", ele responde. O lugar onde escrevia as cartas virou um cartório. Tudo ali mudou. Mas sempre que volta ao lugar onde a história começou, ele ainda se comove. Um filme bom passa pela sua cabeça. "Uma vez, em 1962, voltei a Fortaleza. Passeava na Praça do Ferreira, no centro da cidade, quando um homem me reconheceu. E me disse: 'Eu sou aquele que você escrevia cartas no Núcleo Bandeirante, lembra?' Vim só buscar meu irmão. Brasília é terra boa".

Essa é a história de um escrevedor de cartas. Igualzinha à de Dora, aquela do filme *Central do Brasil*, interpretada com emoção ímpar pela extraordinária Fernanda Montenegro. A única diferença é que a de José Lineu — que desembarcou na capital em cima de um pau-de-arara, sem saber ao certo aonde ia dar a viagem — foi escrita sem roteiro, sem glamour, sem romance. E nunca chegou às telas. Mas seria igualmente digna delas.



Brasília 10 de janeiro de 1960